

RECENSÃO DE LIVRO

DIÁLOGOS SOBRE A JUVENTUDE: IMPACTOS DA INFORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E DE VALORES

Ivar César Oliveira de Vasconcelos

Programa de Pós-Graduação "Stricto Sensu" em Educação, Universidade Católica de Brasília,
Brasil
Universidade Paulista (UNIP)
ivcov@hotmail.com

Spósito, Marília Pontes (org.). (2009). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argvmentvm.

O mundo atual, em que as tecnologias da informação e comunicação apresentam-se como conquistas humanas revolucionárias, as informações circulam rapidamente, conectando pessoas de todos os continentes, penetrando lares, escolas e ambientes de trabalho. Elas se encontram no núcleo da organização social, onde fluxos, mensagens e imagens entre as redes sociais constituem a estrutura da sociedade (Castells, 2003), sendo um bem cada vez mais consumido por pessoas de diferentes estratos socioculturais e faixas etárias. Entre os jovens, grupo populacional de 15 a 24 anos conforme critério estatístico internacional, a comunicação digitalizada levou-os a adquirir tantas informações que eles se tornaram a primeira geração que sabe mais do que a anterior, sendo até denominada de geração @, ou *zapping*. Entretanto, e a despeito do discurso vigente sobre a capacidade de conviver na diversidade, jovens são submetidos à massificação de informações, que lhes chegam por diversos meios, desde as velhas mídias, como o rádio e a TV, até as novas, como o computador e a Internet. Muitas destas mídias difundem imagem desfavorável dos jovens, associando-os à violência, rebeldia e desemprego, mas ao mesmo tempo os transforma em grupos de consumo de massa, contribuindo para a construção de sua identidade sociocultural. Para além do visível, a informação altera a condição humana,



construindo heterogeneidade de comportamentos, maneiras de ver o mundo e valores, pois amplia capacidades humanas de relacionamento no âmbito da economia, política e cultura. Desse modo, nesta *ágora* pós-moderna, aquilo que poderia favorecer a inclusão de jovens nos mais diversos processos de construção de identidade e de criação e superação de valores positivos, muitas vezes, pode confundir, porque tudo acontece no complexo intercruzamento entre a riqueza informativa disponibilizada, a falta de acesso a elas e as situações de distorção de informações. Estas são questões sobre as quais, nós, educadores, precisamos refletir, na perspectiva da formação para valores capaz de contribuir para a inclusão de jovens nesses processos de construção de identidade. Entendendo que a maior compreensão sobre a juventude auxiliará nessa reflexão, propomos esta resenha. Os artigos que compõem a obra ampliam seu entendimento, pois relatam conclusões de pesquisas realizadas no Brasil entre 1999 e 2006 as quais têm como fio condutor a pergunta: quem é o jovem?

As observações dos analistas dessas pesquisas mostram que os jovens sofrem fortes impactos das formas de socialização derivadas do uso de novas tecnologias da informação e conhecimento envolvendo, dentre outros: a escola, em torno da escolha profissional e da sexualidade; questões de gênero; mutações no mundo do trabalho, no tempo livre e no lazer. Estes impactos interferem na atuação dos jovens em seus grupos de pertença e na mobilização, conforme demonstram em especial as pesquisas relacionadas à construção de valores.

Pesquisas que relacionam tecnologias da informação e comunicação à juventude alertam para o perigo de que, por estarem em fase de construção de suas identidades, os jovens se encontram mais vulneráveis à apreensão e à influência das mídias em seus comportamentos e subjetividades. Dentre as velhas mídias, a TV, símbolo da sociedade de consumo, introduz modas e comportamentos, interferindo nessa construção. Não obstante, a maioria das pesquisas brasileiras demonstra que os jovens utilizam a TV simultaneamente à realização de outras atividades, mostrando alta capacidade cognitiva. Em relação às novas mídias, após analisar diversas pesquisas, Setton (2009) informa não ser verdade que os usuários de Internet são adolescentes aficionados e viciados neste tipo de atividade, pois paralelo a isto, eles desenvolvem outras atividades de lazer e cultura. Na utilização das novas mídias, o *internetês* – combinação de símbolos orais e escritos próprios dos jovens – é, muitas vezes, a linguagem que dá suporte a essa nova cultura e identidade. Desse modo, pesquisas realizadas no Brasil vêm demonstrando que os jovens aproveitam bem as novas mídias como instrumentos de ampliação das possibilidades de reflexão sobre si



e os outros, a despeito da imagem às vezes desfavorável sobre eles, transmitida pelas velhas mídias, e apesar do receio de que as novas mídias possam “dominar” seus comportamentos e pensamentos.

No campo da educação, pesquisas mostram que a escola pode apresentar alguma vulnerabilidade e não estar à altura dos anseios e capacidades desse “novo” jovem, especialmente quanto à construção de valores. Por exemplo, quando o tema é a violência, muitos jovens a condenam, mas a escola encontra-se vulnerável por não possuir mecanismos capazes de gerar identificação dos jovens com a cidadania, constituindo-se em ambiente onde as noções de justiça e autoridade são frágeis. Tal situação volta-se contra esses mesmos jovens, pois muitos deles até a praticam a partir da necessidade de se expressarem socialmente.

Além disso, pesquisas demonstram que a escola é questionada em sua função socializadora, a começar pela deficiência na capacidade de disciplinar os alunos, principalmente em se tratando de escola pública, onde os jovens constroem sua identidade em meio à crise social e econômica, bem como desigualdade de oportunidades e direitos e dissolução de vínculos intergeracionais. Por um lado, alunos dizem que a indisciplina acontece porque as aulas não têm qualidade; por outro, professores afirmam que o contexto familiar de cada aluno contribui para isso, embora reconheçam que a escola não dê limites para os alunos. Nesta discussão, a tendência das pesquisas de associar a violência cometida pelos jovens ao contexto familiar reforça a ideia de que a violência escolar vincula-se aos estratos sociais mais pobres. Para Arroyo (2004, apud Dayrell et al., 2009), a verdadeira questão parece ser a disputa simbólica instalada quanto ao olhar sobre as camadas mais pobres e seus filhos.

Na escola, também, não podem faltar informações que auxiliem os jovens a decidir bem o curso/profissão a ser seguido por eles. Neste tema, pesquisas mostram que há jovens sem informações suficientes para tomar decisões sobre o assunto, indicando a necessidade de haver orientação profissional. Cabe ressaltar que, mesmo decidindo qual o curso a seguir, os jovens têm enfrentado problemas, tais como: dificuldade de acesso ao ensino superior; estigma contra estudantes que acessam a universidade por intermédio de políticas de ação social; evasão, herança da formação frágil recebida nos ensinos fundamental e médio. Estes exemplos são representativos de processos de exclusão sofridos por jovens na construção de suas identidades.



Igualmente, não podem faltar informações sobre questões vinculadas à sexualidade, outro tema de extrema importância na discussão sobre a juventude, enfatizado em diversas pesquisas. Dentro dessa discussão, diversos pesquisadores têm estudado por que as transformações sociais e as profundas alterações na vida das mulheres não alteraram os casos de gravidez precoce. Apesar desses estudos, várias instituições escolares parecem desconfortáveis ao tratar do assunto, além de haver despreparo técnico em seu trato, conforme explicam Carvalho, Souza & Oliveira (2009) decorrendo daí um silêncio sobre o tema, uma carência de programas de educação sexual e a elaboração de projetos de permanência de jovens grávidas ou mães nas escolas. Certamente, esta situação configura um processo de exclusão de jovens, que passam a não frequentar ambientes de estudo condizentes com sua faixa etária ou até mesmo ausentar-se de espaços de amizade e familiares.

Outra área de exclusão, por falta de informações, refere-se aos temas do feminino e das relações de gênero na confluência com os valores produzidos pelos jovens em seus grupos ou agrupamentos. A maioria dos estudos entende que a mulher jovem se envolve e participa dos coletivos juvenis em condições semelhantes ao de seu par masculino. Infere-se que, ao seguir os mesmos paradigmas do homem jovem, a mulher é excluída, haja vista ter que abandonar padrões de conduta que lhe são próprios. Na verdade, conforme constatou Almeida (2009) em suas análises das pesquisas, não existem investigações aprofundando o tema do relacionamento entre jovens homens e mulheres, o que reforça a ideia denominada por Weller (2005, apud Almeida 2009) de “invisibilidade das jovens-adolescentes”.

Por sua vez, informações distorcidas tanto excluem jovens e adolescentes como repercutem no quadro axiológico que eles vão construindo ao longo de suas vidas. Pesquisas sociais realizadas no Brasil sobre adolescentes em processo de exclusão demonstram que esse grupo, de 14 a 19 anos, conforme a Organização Mundial da Saúde, quando em conflito com a lei é considerado pela mídia e pelo senso comum um dos maiores problemas sociais, sendo vistos como grave ameaça à ordem pública. No entanto, ao contrário do que afirma o senso comum dominante, o número de adolescentes autores de atos de infração graves é bem baixo. Em sua maioria, jovens tidos como infratores possuem famílias, moradia e frequentam a escola, possuindo vínculos sociais, muitos pertencendo a estratos sociais mais abastados. Apesar deste aspecto positivo, o apelo ao consumo – e isto é incentivado pelas diversas mídias – seria uma das causas para atos de infração na medida em que os adolescentes procuram satisfazer suas necessidades consumistas da forma

que está ao seu alcance, muitas vezes roubando e traficando. A questão é mais complexa porque o universo moral deles é permeado por emoções e valores contraditórios e a punição gera sentimentos também contraditórios de recusa e aceitação. Além disso, pesquisas concluem que há excessivo dimensionamento do problema, pois apenas 3% dos crimes cometidos se caracterizam como crimes contra a pessoa e que não é verdade que os adolescentes cometem mais crimes porque são impunes. De nossa parte, suspeitamos que esses mitos, desmentidos pelas pesquisas, têm a contribuição de mídias veiculadoras de imagem pouco favorável dos adolescentes, com sérios prejuízos à sua formação moral, cabendo indagar: por que as mídias insistem em transmitir essa imagem, transformando os jovens em “metáforas da violência?”.

Na tentativa de incluir adolescentes e jovens no mercado de trabalho, existem no Brasil inúmeros programas de qualificação profissional, embora esses programas ainda não tenham atingido seus objetivos plenamente. Os estudos sobre jovens e trabalho, temática caudatária de uma das linhas de pesquisa mais consolidadas no Brasil - Educação e Trabalho - denunciam que esses programas atingem seus objetivos totalmente somente em relação a empregos temporários. Estudos apontam que a implantação de programas bem sucedidos acontece em função das pessoas e dos grupos que a concretizam, sendo um fato que interfere no nível de satisfação dos adolescentes envolvidos. Por sua vez, estudos sobre a erradicação do trabalho de crianças e adolescentes mostram que este problema persiste, no Brasil, mesmo com as normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (LEI nº. 8.069, de 13.07.90, cf. Brasil, 2010) e com programas específicos implementados. Uma das razões dessa insistência estaria no valor assumido pela sociedade de que o trabalho pode disciplinar crianças e adolescentes pobres, afastando-os dos “perigos” da rua. Ainda na linha de pesquisa Educação e Trabalho, diversos estudos têm sido realizados no Brasil sobre os jovens, na interseção da escola com o mundo do trabalho, a maior parte considerando o contexto da implementação de inúmeras políticas de reestruturação dos sistemas educativos na década de 1990. Os estudos concluem que as origens sociais comuns dos jovens correspondem a desejos profissionais e destinos semelhantes e que as condições desiguais de escolarização correspondem a perspectivas que não podem ser ignoradas se o objetivo for compreender o que é a juventude. Como se observa, as iniciativas no sentido de incluir jovens no mercado de trabalho e de erradicar o trabalho infantil fazem conexão com as questões valorativas, nas quais esses grupos se encontram envolvidos.



A título de síntese, obviamente longe de esgotar os assuntos, é possível fazer os seguintes comentários tomando as observações desta resenha como base, consubstanciadas nas análises de dissertações e teses, feitas por especialistas: 1) São instigantes os estudos envolvendo a construção de identidade de jovens e adolescentes e a criação de valores, bem como sua superação, considerando três situações relacionadas ao mundo em rede, quais sejam: abundância de informações, desinformação em função da dificuldade de acessá-las e informação distorcida; 2) As pesquisas realizadas no Brasil, voltadas para a construção de identidades da juventude, são permeadas por preocupações em torno dos impactos das mídias sobre os jovens e adolescentes, principalmente em função da vulnerabilidade em que eles se encontram, colocando a escola no centro não somente dessas questões, mas das questões relacionadas à sexualidade, gênero e mercado de trabalho; 3) Apesar da imagem desfavorável sobre os jovens, passada pelas velhas mídias, especialmente a TV, o “novo” jovem consegue conviver com as diversas situações do mundo em rede, mostrando-se capaz de realizar autocrítica e se aproximar dos outros, inclusive, tirando o melhor aproveitamento das novas mídias. Se o fio condutor das pesquisas analisadas pelos autores da obra resenhada permaneceu na pergunta “quem é o jovem?”, buscou-se nesta resenha vincular as questões presentes nestes comentários, visando a contribuir para que a questão axiológica seja repensada por escolas, educadores, governos e sociedade civil em geral, nos processos de construção de identidades dos jovens.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Elmir de. (2009). Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In: Spósito, Marília Pontes (org.). *O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço Social (1999-2006)*. v.1. Belo Horizonte: Argvmentvm. pp. 57-126.
- Brasil. (2010). Palácio do Planalto. *Estatuto da criança e do adolescente*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 25 mai. 2010.
- Carvalho, Marília Pinto de; Sousa, Raquel & Oliveira, Elisabete Regina Baptista de (2009). Jovens, sexualidade e gênero. In: Spósito, Marília Pontes (org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço Social (1999-2006)*. v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm. pp. 57-126.



- Castells, Manuel. (2003). *A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Dayrell, Juarez et al (2009). Juventude e escola. In: Spósito, Marília Pontes (org.). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço Social (1999-2006)*. v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, pp. 57-126.
- Setton, Maria da Graça Jacintho. (2009). Juventude, mídias e TIC. In: Spósito, Marília Pontes (org.). *O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço Social (1999-2006)*. v. 2. Belo Horizonte: Argvmentvm. pp. 63-86.